



ESTÉTICA (ou não) BUGRESCA – ARTE DESCOLONIAL FRONTEIRIÇA – PAISAGENS BIOGEOGRÁFICAS: o que vemos do *outro* lado da linha que se insinua entre o real e o imaginário¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

Bem sei que me ocorre, não raro, falar de coisas que são melhor e mais precisamente comentadas pelos mestres de ofício. O que escrevo resulta de minhas faculdades naturais e não do que se adquire pelo estudo. E quem apontar algum erro atribuível à minha ignorância, não fará grande descoberta, pois não posso dar a outrem garantias acerca do que escrevo, não estando sequer satisfeito comigo mesmo. Quem busca sabedoria, que a busque onde aloja; não tenho a pretensão de possuí-la. O que aí se encontra é produto de minha fantasia; não viso explicar ou elucidar as coisas que comento, mas tão somente mostrar-me como sou. Talvez as venha a conhecer a fundo um dia, ou as tenha conhecido, se por acaso andei por onde elas se esclarecem. Mas já não as recordo. Embora seja capaz de tirar proveito do que aprendo, não o retenho na memória; daí não poder assegurar a exatidão de minhas citações. Que se veja nelas, apenas, o grau de meus conhecimentos atuais. (MONTAIGNE, *apud* HISSA; MELO, 2011, 257)

A *opção descolonial* (MIGNOLO, 2003) tem como ponto chave fazer evidenciar a ideia de nos pensar, sujeitos biográficos latino-americanos, para além

¹ Este ensaio está vinculado a um Projeto de Pesquisa maior cadastrado na PROPP/UEMS intitulado “Arte e Cultura na *Frontera*: “Paisagens” Artísticas em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”.

² Marcos Antônio Bessa-Oliveira é professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Campo Grande. É líder do Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas (UEMS/CNPq); é membro dos Grupos de Pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados (UFMS/CNPq) e Grupo de Pesquisa Estudos Visuais (UNICAMP/CNPq).

da ideia de *após-colonizados*; no entanto, sem deixar de considerar essa condição do sujeito latino com histórico de ex-colônia. Do mesmo jeito, as produções que emergem desse lócus enunciativo latino-americano carecem de um pensamento epistêmico *outro* que possibilite compreendermos tais produções e artefatos simbólicos como resultados de arte, cultura e conhecimentos que surgem das relações entre os símbolos cotidianos e as científicas estabelecidas entre os sujeitos biográficos e os locais enunciativos latino-americanos. Por conseguinte, as relações entre a proposta epistêmica descolonial e os lugares latinos corroboram a minha compreensão da necessidade de fazer emergir dos diferentes *lóci* enunciativos situados na América Latina, ou em quaisquer outros lugares *após-colonizados*, uma conceituação específicas – “estéticas”³ – que se relaciona primeiro com os fazeres, objetos, conhecimentos e símbolos cotidianos dos sujeitos desses lugares.

Por isso, tendo em vista esta minha constatação, quero pensar para a produção artística local do estado de Mato Grosso do Sul – situado no cerne da tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia – uma epistemologia artística intitulada de “Estética (ou não) Bugresca”.⁴ Portanto, neste ensaio buscarei dar continuidade a uma discussão epistemológica iniciada por volta de 2014 sobre a minha noção de epistemologia Bugresca que, de maneira direta, está totalmente relacionada à noção de arte via *opção descolonial*. Mas agora, este último pensamento sobre

210

³ O termo *estética* é empregado aqui, por ora, para ilustrar, aos leitores não periféricos, a intenção que tangencia este trabalho. Ou seja, se por um lado tratarei conceitualmente da necessidade de emergir conceitos que tratem mais intimamente das obras simbólicas ou de produção de conhecimentos periféricas, por outro quero que estas reflexões sejam compreendidas em um patamar intelectual igual ou mais amplo que a ilustração conceitual que proporciona aos catadráticos o conceito de *estética* difundido na cultura mundial pelos discursos hegemônico. A ideia é pensar em um termo conceitual que contemple o pensamento epistêmico de mirada descolonial, sobre as práticas artísticas e artefatos simbólicos como arte e produtores de conhecimentos, dos lugares fora dos eixos que tiveram consolidada a noção de *estética* que temos na atualidade implantada pelo pensamento epistêmico moderno. Portanto, a ideia do título “ESTÉTICA (ou não) BUGRESCA” já prioriza esta sinalização que aqui será desenvolvida, *a priori*, para falar em epistemologias, artes, produções artístico-culturais, sujeitos, lugares, ciências, culturas e objetos – tudo no plural – a partir de uma episteme descolonial que visa uma compreensão *outra* de mundos.

⁴ Vale dizer que elejo Mato Grosso do Sul como ponto de partida para estas reflexões por si tratar do meu local enunciativo epistêmico, cultural, social, político e simbólico.

uma epistemologia específica, da ótica fronteiriça e, mais restrita ainda está à “noção” do conceito de “estética (ou não)”, está voltada para uma também epistemologia de paisagens *biogeográficas*⁵ que estou desenvolvendo agora (2016) que faz, nesse sentido, relacionar-se mais intimamente à ideia de que o que vemos do *outro* lado da linha de fronteira tríplice (Brasil/Mato Grosso do Sul/Paraguai/Bolívia) está para a insinuação entre o que é real e o que é da ordem do imaginário. Por conseguinte, a ideia aqui é pensar a episteme “Bugresca” como uma possibilidade de conceituação para as obras simbólicas ou de produção de conhecimentos periféricas culturais a partir de seus símbolos. Uma epistemologia que contemple a cultura local sul-mato-grossense, por exemplo, mas sem querer se tornar universalizadora de culturas *outras*.

Para tramitarmos em um lugar não arenoso, essas reflexões tomam como ponto de partida a ideia de que uma estética eurocêntrica ou norte-americana – ou ainda de estética moderna –, faz muito tempo, não contemplam pensarmos as práticas artístico-culturais e os lugares enunciativos tomados como periféricos pelos discursos hegemônicos da arte, da literatura, da noção de cultura que temos ou das características de ciência que foram constituídas na modernidade; tendo esta última, por exemplo, como a única produtora de conhecimento uma ciência assentada no saber disciplinar desde que é o mundo constituído no conceito de mundo forjado primeiro pela Europa (Mundo Ocidental) ou agora pelos Estados Unidos (Mundo Globalizado). Portanto, pensar em alternativas conceituais outras, que transitam em uma noção de “Estética Periférica”, por exemplo, quer fazer reflexões, para o bem ou para o mal (diria alguns), com práticas, símbolos e conhecimentos oriundos de diferentes disciplinas ou indisciplinas; bem como de

⁵ O conceito de “paisagens biográficas” também veio sendo pensado em estudos que datam de 2012. Mas de final de 2015 para cá venho sustentando uma discussão no campo das artes – teórico, prático e pedagógico – de *biogeografia*; ou melhor dizendo de paisagens *biogeográficas* ou ainda epistemologia *biogeográfica*, ou talvez pensamento epistêmico *biogeográfico*. Ainda está em formulação, por isso há interrogações na questão, mais do que certezas. Se naquela primeira ideia de biografia preocupava-me mais com a ideia de “textos” gráficos – tanto escritas caligráficas, outros textos em geral: imagéticos, fílmicos, visuais que fossem – relacionados aos sujeitos específicos. Agora, o termo *biogeográfico* está para a ideia da grafia, tomada ainda de maneira ampla, relacionada ao conceito de *geo* como lugares epistêmicos e à multiplicidade de sujeitos específicos desses lugares como produtores de arte e conhecimentos a partir de seus lugares e bens simbólicos.

lugares, sujeitos e práticas que visam (re)contribuir com uma maneira *outra* de (re)pensar as relações entre produção artística e produção de conhecimento (Arte X Ciência), por conseguinte.

Tal perspectiva aqui esboçada toma como maneira conceitual outra, uma reconfiguração do conceito de estética (quer seja este mesmo o termo ou não), exatamente por que esse conceito não oportunizou, como fora maquinado, às práticas artístico-culturais e simbólicas, bem como o conhecimento produzidos em lugares periféricos de serem compreendidos enquanto tais: arte e conhecimento; para não usarmos, no caso deste último, o conceito de ciência. Ou arte e símbolos culturais como conhecimentos e conhecimentos a partir das práticas artístico-culturais. Tudo isso toma ainda como opção para a reflexão a ideia de renomear – vou tentar não falar em conceituar – os termos que sintetizam ou sintetiza as singularidades das *diversidades* de práticas artístico-culturais, símbolos, sujeitos e lugares produtores de arte e conhecimentos não inscritos no lugar epistêmico moderno ou pós-moderno.⁶ Se em um primeiro momento pode parecer que proponho apenas alternar entre um termo – estética –, para outro adjacente – ainda que em pensamento, mas não definido –, para explicar o que os discursos imperantes insistem em não compreender, argumento que não é e nem virá ser esta a questão.

212

Quero salientar piamente que não é bem esta a questão, alternância entre termos que proponho. Justo o fato de que quero propor uma possibilidade etimológica (ou terminológica) – uma outra palavra, vamos dizer assim, para inclusive intitular este trabalho no lugar de estética – que contemple as *diversidades* das culturas periféricas latino-americanas. Especialmente porque sempre foram culturas e conhecimentos rechaçados pelos discursos imperantes da alta produção em arte e ciência que, não por outro caso, se não com a ideia de colonização, impetrou-se sobre os demais discursos dos outros Mundos. Pensando

⁶ Lembro aos desavisados que não se trata de abrir mão desse conhecimento produzido na Europa ou nos Estados Unidos. Mas a proposta que tentamos (eu e muitos outros teóricos que buscam pensar os Mundos para além da esfera eurocêntrica ou norte-americana – como se para aqueles que não praticam essa possibilidade, pensar os fundos das suas casas como extensões de territórios europeus e estadunidenses fosse a coisa mais natural desses supostos mundos outros) é não universalizar os tantos Mundos outros pelas únicas perspectivas impostas até o momento: europeia e norte-americana.

assim, entendo que ilustro duas questões outras: a primeira é que o conceito de estética, ainda que pensarmos no conceito consolidado pela modernidade, imperou tendo como fontes primárias uma noção de beleza ou prazer, ambos atribuídos pela sensação no ou do sujeito com intelecto cientificizado; ou seja, aquele sujeito dotado de educação artística ou saberes científicos para “sensibilizar-se” e sensibilizar ou que estava apto a acessar o conteúdo da arte e o conhecimento da ciência.

Em segundo caso temos um conceito de estética clássico, formulado desde Aristóteles – *aisthesis*, do “grego *aisthetiké*, “sensitivo”⁷ – que foi interpretado erroneamente como o correspondente de sensação, de beleza e prazer mais tarde no período Renascentista, especialmente, onde deu-se a constituição do Projeto Moderno europeu de construção e criação de Um Mundo Ocidental Comum, tendo, entre outros, o Cristianismo como maior partícipe. Um Mundo Comum em comunhão com a ideia de um poder monárquico europeu imperando nas colônias “descobertas” pelas viagens que ocorreram quando sempre das embarcações à deriva pelos mares do planeta. Por último, não menos importante, mas muito mais é fundamental no contexto aqui em questão, ambos os conceitos de estética – o Moderno edificado na modernidade ou o Clássico, que constituiu-se junto com o Projeto Moderno europeu – estão ramificados na cultura contemporânea: tanto nos países sede desses conceitos, na Europa ou nos Estados Unidos, como nos países províncias desses e também nos lugares que hoje são ex-províncias dos dois.

Toma importância todas estas questões aqui apresentadas, e que podem ser ilustradas pelo fato último da manutenção dos equívocos vistos na arte e na ciência contemporâneas no entendimento do conceito de estética, assim como se observa na constituição das ideias de que arte e ciência não são associáveis, mas extremadas, na atualidade artística, acadêmica ou no senso comum. Desta ótica, tanto os pressupostos Modernos quanto os Clássico para o conceito de estética, assim como o entendimento Moderno para o conceito de ciência estão em conservação, cada vez mais, nas culturas periféricas. Essa conservação/manutenção se deve ao fato da fácil aceitação do incompreendido no

⁷ Estética. In: **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]**. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-10-21 20:10:01]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estética> - acessado em: 21 de outubro de 2016.

passado, pelos sujeitos da atualidade, como ponto constituidor de verdades absolutas no presente porque foram constituídos por discursos dominantes. Tomo os discursos dominantes com sentido amplo do seu entendimento: dominadores, enquanto sujeitos que dominam outros através da prisão, apreensão e até de assassinatos; dominantes discursivos politicamente, entre outros. Nos muitos lugares periféricos (localidades, sujeitos mentalmente periféricos – ainda que esses se considerem intelectualizados), cidades, bairros, países inteiros, às vezes, os discursos dominantes imperam por estupidez (para não dizer burrice) do entendimento dos erros feitos no passado.

Por está ótica apresentada, as noções de “Estéticas Periféricas” que imperam na América Latina, que podem ser de perspectivas históricas ou contemporâneas, visando discutir as produções e lugares da/na América Latina especialmente, ainda tomam, na grande maioria, da ideia de estéticas Moderna ou Clássica. É corriqueira a tomada de “leituras” “analíticas”, “conceituais”, “estéticas” e “comparativas” – nos piores sentidos – das produções artístico-culturais, lugares, sujeitos e símbolos produzidos nos lugares fora dos eixos hegemônicos a partir de teorizações que englobam os termos antes aqui listados com pontos cruciais para edificação de artefatos como produções artísticas e produção de conhecimentos cientificizados. Nesse sentido, para finalmente priorizar um raciocínio na contramão disso tudo, compete salientar que na América Latina, por exemplo, os muitos lugares “fora dos eixos” estão desenvolvendo arte, literatura, culturas e conhecimentos que só podem ser inscritos em epistemes particulares, não em estéticas ou conceitos, ou diferentes termos *outros* a serem edificados no presente em nossas próprias culturas que não sejam mais os termos Modernos ou Clássicos mantidos em nossas culturas e que foram edificados em culturas passadas: portanto, sem ao menos uma possível ideia de dependência.

Os países em desenvolvimento foram nomeados e descritos por esconder o fato de que o subdesenvolvimento era o resultado da acumulação de riqueza dos países que são capazes de criar planos de desenvolvimento e modernização de países que foram vítimas da dependência estrutural de cinco séculos. A teoria da dependência, no entanto, ofereceu uma explicação e sugeriu um plano de ação para a América Latina, que dificilmente poderia ter sido criado a partir da análise do sistema mundial, e

menos ainda das premissas da modernidade e pós-modernidade. (MIGNOLO, 2011, p. 23-24)⁸ (Tradução livre minha)

Portanto, menos ainda o conceito de dependência cultural sustentaria o fato da manutenção dos termos edificados no sistema do Mundo Moderno, bem como não se sustenta dizer, sob a alegação da independência artística, cultural e de produção do conhecimento, que tratamos esses termos de uma ótica de país em desenvolvimento ou subdesenvolvido. A ideia é que, nem por uma ou por outra ótica, a sustentação da nomenclatura “estética”, por exemplo, nunca nos representou. Haja vista que esteticamente não produziríamos na independência arte ou ciência porque essas estariam atravessadas por aquelas noções Moderna ou Clássica de ambas.

É exatamente partindo desta a ideia que a discussão aqui é permeada, pois como proposta epistêmica a noção de “Estéticas Periféricas”, por exemplo, parece não mais contemplar as propostas das produções artísticas, simbólicas e de produção de conhecimentos dos lugares fora dos eixos. Por conseguinte, estou aqui propondo a constituição de termos outros que corroborem diálogos, cada vez mais profícuos e amplos no entendimento e na explicação dos fazeres artísticos e epistêmicos dos sujeitos e lugares enunciativos relegados ao descaso, como temas que até hoje sequer foram lembrados pelos discursos hierárquicos e hegemônicos: culturas, sujeitos, produções artísticas, línguas e linguagens, direitos e deveres, saúde, ensino, pesquisas, objetos, culinárias etc. São muitos os temas e termos epistemológicos que podem ser inscritos na insígnia de “periferias” com suas epistemes particulares que os conceitos Moderno e Clássico de estética parecem não margear, quisera contemplar as suas significações nas suas culturas de produções.

Quando falamos América Latina estamos tratando de uma imensidão e multiplicidade de culturas que talvez ainda nem sequer possa ser imaginada. Os

⁸ “Los países subdesarrollados fueron así nombrados y descritos ocultando el hecho de que su subdesarrollo era la consecuencia de la acumulación de riquezas de los países que están en condiciones de crear planes de desarrollo y modernización para los países que fueron víctimas de la dependencia estructural de cinco siglos. La teoría de la dependencia, en cambio, ofrecía una explicación y sugería un plan de acción para Latinoamérica que difícilmente podría haberse creado a partir del análisis del sistema-mundo, y menos aún a partir de las premisas de la modernidad y post-modernidad.” (MIGNOLO, 2011, p. 23-24)

países latinos têm características específicas em suas subdivisões regionais, estaduais, províncias, cidades, etnias, povos, tribos, bairros, ruas, casas e famílias – sem levar em conta ainda a mistura cultural em diferentes proposições dentro dessas mesmas divisões com seus pares e seus diferentes – que ainda não mensuramos ou que supostamente conseguimos nominar termos que as “ilustrem” em partes. Menos ainda é possível dizermos de totalidades ilustradas dessas especificidades étnico-raciais, culturais, artísticas e epistêmicas das culturas latinas. Necessitaríamos de outro tanto de história com a já passada para darmos conta de contar parte das histórias locais e particulares de um extremo a outro dessa macro região latina que se estende de mar a mar e por um território mensurado apenas nos mapas formulados pelos poderes instituídos. Toda e qualquer formulação que se tem hoje da América Latina está, quase sempre, perpassada pela ótica do colonizador europeu ou pelo olhar capital norte-americano.

Quase sempre também, nós latino-americanos – esses sujeitos postos nesta margem do continente Americano formulado pelos poderes instituídos no velho e novo mundos – não participamos das divisões que se estabeleceram ao longo da história desse território. *A priori* os habitantes que por aqui haviam foram disseminados pelos seus respectivos invasores, literalmente assassinados no caso de uns muitos ou manipulados outros tantos por outros, não podendo contribuir com a noção que se tem hoje de América Latina. Portanto, quando pensamos em América Latina há que se levar em conta que toda esta extensão territorial está situada em um lugar epistêmico geográfico que está sempre, ou quase sempre, sendo pensado pela ótica colonial: histórica ou contemporânea. Do mesmo modo estamos situados em um lugar histórico que tem como premissa as relações com a Europa e os Estados Unidos como provedores do que se constituem como arte, cultura e conhecimento nos lugares latinos. E, não diferentemente, vai se estabelecendo na contemporaneidade as mesmas relações geográficas, históricas e culturais – de arte e de ciência – constituídas nos pressupostos Moderno, Pós-moderno e Clássico; portanto europeu e norte-americanos mais uma vez.

[...] a colonização intelectual ainda está de pé, apesar de que a colonização é bem intencionada, vem da esquerda e apoie a descolonização. A colonialidade do saber, [...], dificilmente surja das atuais filosofias e escolas de erudição e experiência histórica atuais intelectual da Europa ocidental (Europa imperial) e dos Estados Unidos. [...] a colonização e, portanto, a dependência intelectual não é apenas uma questão exclusiva da direita, mas também é gerada na esquerda. Por exemplo, o pós-moderno discutido na América Latina desempenhou uma discussão cujos problemas

não se originaram na história colonial do subcontinente, mas na história da Europa moderna. Ao mesmo tempo, ao passo que as discussões sobre o pós-modernismo outorgaram uma fachada de modernização, se reproduzia, por um lado, a dependência intelectual com a Europa e os Estados Unidos e, por outro, continuou a invisibilidade dos projetos de descolonização conduzidos por afros e indígenas. (MIGNOLO, 2011, p. 27)⁹ (Tradução livre minha)

Esta passagem confirma o fato das produções artístico-culturais latinas ainda serem pensadas, produzidas e mesmo ensinadas, na grande maioria, a partir de óticas conceituais e estéticas modernas ou pós-modernas. Tomadas como continuidades dos Projetos Globais, europeu ou norte-americano, as práticas artístico-culturais, sujeitos, lugares, símbolos e conhecimentos latinos estão alicerçados, desde sempre, em fatos históricos que marcaram épocas e narrativas originadas nos lugares produtores de arte, cultura e saber colonial.

Igualmente, as produções críticas brasileiras sobre nossas práticas artístico-culturais, símbolos e o próprio conhecimento periférico produzidos no Brasil continuam inscrevendo e inscritos como não-práticas artístico-culturais, bens não-simbólicos e produtos não-geradores de conhecimento tendo em vista a ótica abordada para entendimento dessas marcas *biogeográficas* que diferenciariam nossas culturas dentro do bloco latino-americano. Isso ainda é esboçado de duas formas reconhecíveis: a primeira tendo em vista que o conhecimento produzido na América Latina, talvez mais ainda no Brasil, não é compreendido pelo “conhecimento” científico produzido na Europa e Estados Unidos porque os consideram menores. Do mesmo jeito, como segundo ponto os conhecimentos e práticas que são produzidos no Brasil, que tinham mais obrigação do que qualquer outro lugar no Planeta de ter que tomar a *diversalidade* de práticas, símbolos e

217

⁹ “[...] la colonización intelectual continúa en pie, aunque esa colonización sea bien intencionada, venga de la izquierda y apoye la descolonización. La descolonialidad del saber, [...], difícilmente surja de las actuales filosofías y escuelas de erudición y de la experiencia histórica intelectual en Europa del Oeste (la Europa imperial) y Estados Unidos. [...] la colonización y por lo tanto la dependencia intelectual no es un asunto exclusivo de la derecha sino que también la genera la izquierda. Por ejemplo, el debate posmoderno en Latinoamérica reprodujo una discusión cuyos problemas se originaron no en la historia colonial del subcontinente sino en la historia de la Europa moderna. Al mismo tiempo, mientras que los debates sobre el postmodernismo otorgaban una fachada de modernización, se reproducía, por un lado, la dependencia intelectual con Europa y Estados Unidos y, por otro, continuó la invisibilización de proyectos de descolonización liderados por afros e indígenas.” (MIGNOLO, 2011, p. 27)

conhecimentos, dada as nossas diferenças, não se reconhecem entre si como produções de arte, cultura e conhecimentos. Ou seja, no Centro-Oeste, Norte e Nordeste brasileiros a produção que impera é a vinda do Sudeste do Brasil – artística ou teórico-crítica; quando muito, o Sul do país produz alguma coisa que é tomada como marca regionalista, por isso acaba sendo reconhecida como cultura regional – portanto, reduzidos àquele lugar restrito.

Como não quero discutir questões de regionalizações nacionais – não vejo fundamento nenhuma mais em discutir isso –, dada a ideia de que regionalizar, mediante ao discurso crítico descolonial que venho empreendendo nestes últimos trabalhos, não é fazer reconhecer-se como produção de conhecimento local. Mas foi e parece continuar sendo uma saída que a crítica brasileira achou para literalmente alocar os “produtos” nacionais reconhecidos fora do Brasil como produtos que equiparam aos produzidos no contexto europeu ou norte-americanos. Portanto, descolonizar a produção artística e teórico-crítica brasileiras vislumbra fazer reconhecer que as “geopolíticas do conhecimento” (MIGNOLO, 2011) têm muitos mais lugares epistemológicos *outros* que como exclusivamente estiveram sempre na Europa ou na América do Norte. Uma vez que a geografia e a política do conhecimento e da produção artística (Ciência e Arte) sempre estiveram ancoradas nesses lugares epistemológicos graças aos discursos histórico-temporais que situaram e reforçam a situação das únicas produções reconhecíveis como arte e conhecimento na Europa e nos Estados Unidos.

218

A *geopolítica do conhecimento* como temos contato ao longo dos mais de 500 anos de história do Brasil estabelece o poder colonial do Projeto hegemônico europeu que, por conseguinte reforça a produção teórico-crítica empreendida também pela Europa. Portanto, não é muito difícil compreender porque no caso de Mato Grosso do Sul, ao falar de uma teoria crítica ou das produções artísticas estabelecidas exclusivamente nos estados de São Paulo ou Rio de Janeiro, de vez em quando são tomadas também as do estado de Minas Gerais, como leem ou são comparadas às produções locais, é incorrer no erro do reforço regionalizado em geografias particulares da produção de conhecimento. Do mesmo modo, pensar as produções da tríplice fronteira (Brasil/Mato Grosso do Sul/Paraguai/Bolívia) – não tomarei agora as teorias importadas pela crítica nacional – estabelece um novo Projeto teórico-crítico geopolítico com características genuinamente modernas. Um Projeto homogeneizador que se preocupa em estabelecer, no máximo, dependência desta produção com aquela.

De modo oposto a tudo isso, um Projeto epistêmico *particular*, por exemplo, para não voltarmos a usar termos edificados nos projetos historicamente constituídos pelos discursos hegemônicos, formulado a partir dos lugares enunciativos que nunca estiveram inscritos no *hall* de produtores de arte e conhecimento, oportunizaria, de certa maneira, novos tempos, novos conhecimentos, novas produções simbólicas terem reconhecimentos artísticos. Falo novamente de tempo, pois, as histórias europeia e norte-americana, pela História da Arte ou pela Teoria da Arte, estão sempre ganhando e suplantando as histórias de e produções de conhecimentos de lugares enunciativos outros que não têm a mesma história de glória temporal às custas das histórias de massacres de muitos outros. Nesse sentido, mais uma vez cabe dizer que toda essa reflexão aqui produzida, como episteme bugresca, contribui com a geopolítica da tríplice fronteira aqui em questão e quer dar liberdade às produções artísticas, reconhecer os conhecimentos produzidos desses lugares e ainda que sem longo passado, reconhecer as histórias locais como muitos dos projetos locais a serem (re)conhecidos. Pois ainda, como aponta duas questões Walter Mignolo sobre as políticas de tempo e lugares da produção artística e do conhecimento, a ideia aqui é não pensar como se algum lugar epistêmico pudesse ter estabelecido como melhor suas produções exclusivamente por causa de sua história e/ou localização geográfica.

A primeira é a relação entre lugares (como eles foram concebidos em termos geoistóricos) e seu pensamento, a geopolítica do conhecimento propriamente dita. Se a filosofia ocidental inventou a noção de ser, não é possível que a sua continuação seja a colonialidade do ser. Porque o conceito de ser é algo que não pode prescindir sem a colonialidade do poder. E por causa da diferença colonial, a colonialidade do ser não pode ser uma continuação crítica da colonialidade do conhecimento [saber] (uma espécie de sublimação pós-moderna), mas tem que mudar o lugar onde estão localizados o pensamento e a consciência crítica da geopolítica do conhecimento. Este é o momento no qual o descolamento dá lugar a processos de descolonização do saber e do ser. A epistemologia não é ex-geoistórica nem desencorpada. Portanto, não há lugar para universais abstratos. A única universalidade possível nesta abordagem é aceitar que não há lugares geohistoricamente e corporalmente privilegiados que não sejam os lugares e corpos imperiais.

Mas isso não é tudo, porque a linearidade da história ocidental, da Grécia ao Atlântico Norte da Era Moderna, significa que a Europa construiu a sua identidade ocultando e relegando a não-história e a quasi-humanidade para o resto do mundo, lugares onde não há histórias ou pensar. A reconfiguração da consciência histórica da qual somos testemunhas do início do século XXI, mas já também no século

anterior, é impensável sem a diferença colonial epistemológica e ontológica e, conseqüentemente, política e econômica. (MIGNOLO, 2011, p. 31-32)¹⁰ (Tradução livre minha)

Portanto, qualquer noção epistêmica que se queira estabelecer na atualidade, deve-se levar em consideração que a história de uns privilegiados não é melhor que as histórias de muitos subordinados. Além de que esta proposta epistemológica *outra* deve, por conseguinte, ter em mente o processo colonizador pelos quais passaram os povos latinos com a história da constituição do Projeto Moderno europeu e passam ainda hoje com o projeto de globalização empreendido pelos Estados Unidos.

Do Renascimento — o momento mais antigo da modernidade em que surgiu o mundo moderno-colonial — o tempo estágio tem sido um princípio ordenador que cada vez mais subordina lugares, relegando-os a uma situação anterior ou inferior a partir do ponto de vista dos "proprietários do (as portas do) tempo." Colocar os acontecimentos e as pessoas em uma sequência de tempo linear é uma maneira de classificá-los hierarquicamente que distingue certas fontes de pensamento pelo interesse ou curiosidade pelos seus eventos, personagens e ideias. Além disso, o tempo é o ponto de referência para por em ordem o conhecimento. A descontinuidade entre ser e tempo e a colonialidade do ser e do espaço é o que

220

¹⁰ La primera es la relación entre los lugares (tal y como se concibieron en términos geohistóricos) y su pensamiento, la geopolítica del conocimiento propiamente dicha. Si la filosofía occidental inventó la noción de ser, no es posible que su continuación sea la colonialidad del ser. Porque el concepto del ser es algo de lo que no puede prescindir la colonialidad del poder. Y debido a la diferencia colonial, la colonialidad del ser no puede ser una continuación crítica de la colonialidad del saber (una especie de sublimación posmoderna) sino que ha de cambiar el lugar en el que están situados el pensamiento y la conciencia crítica de la geopolítica del conocimiento. Este es el momento en el cual el desprendimiento da lugar a procesos de descolonización del saber y del ser. La epistemología no es a-geohistórica ni desincorporada. Por lo tanto, no hay lugar para universales abstractos. La única universalidad posible en este planteo es aceptar que no hay lugares geo históricamente y corporalmente privilegiados que no sean los lugares y cuerpos imperiales.

Pero eso no es todo, pues la linearidad de la historia occidental desde Grecia al Atlántico Norte de la era moderna significa que Europa construyó su identidad ocultando y relegando a la no-historia y a la quasi-humanidad al resto del planeta, lugares donde no hay historias ni se piensa. La reconfiguración de la conciencia histórica de la que somos testigos a principios del siglo XXI, pero ya también en el siglo anterior, es impensable sin la diferencia colonial epistémica y ontológica y, en consecuencia, política y económica.” (MIGNOLO, 2011, p. 31-32)

alimenta a necessidade [...] [de reformulações epistêmicas]. (MIGNOLO, 2011, p. 32-33)¹¹ (Tradução livre minha)

O tempo valida o que é desvalidado hoje! O tempo passado tem validade, a partir da noção de que o presente e o futuro são desqualificados diante da noção do que foi temporal. Por isso, cada vez mais lugares e sujeitos “novos” nunca vão produzir arte ou conhecimentos. Pois sempre vão dever aos lugares e sujeitos que têm maior tempo passado, por conseguinte melhores histórias globais. Considerando inconclusivas as ideias aqui apontadas, posso pensar a partir da noção de *epistemologia portátil* (MARQUEZ, 2011, 165) para tratar de agora em diante minhas reflexões não mais de “estética” Bugresca; as minhas formulações epistemológicas para o lócus enunciativo sul-mato-grossense tomam como *episteme bugresca* uma ideia que talvez ilustre melhor todas as minhas necessidades reflexivas sobre o lugar.

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Paisagens biográficas — Imagens pós-coloniais — Retratos culturais”. In: **Grau Zero — Revista de Crítica Cultural**, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras, v. 1, n. 1, jan./jun. 2013, p. 249-278.

_____. “**BIOGEOGRAFIAS OCIDENTAIS/ORIENTAIS**: (i)migrações do *bios* e das epistemologias artísticas no *front*”, In: **Cadernos de Estudos Culturais: Ocidente/Oriente: migrações**. V. 5, n. 15. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016. (No Prelo)

¹¹ “Desde el Renacimiento —la etapa más temprana de la modernidad en la que surgió el mundo moderno-colonial— el tiempo ha sido un principio ordenador que cada vez más subordina lugares, los relega a una situación anterior o inferior desde el punto de vista de los “dueños de (las puertas del) tiempo”. Situar a los acontecimientos y las personas en una secuencia temporal lineal es una manera de ordenarlos jerárquicamente que distingue a determinadas fuentes de pensamiento por lo interesante o curioso de sus hechos, personajes e ideas. Asimismo, el tiempo es el punto de referencia para ordenar el conocimiento. La discontinuidad entre el ser y el tiempo y la colonialidad del ser y el espacio es lo que alimenta la necesidad [...]” (MIGNOLO, 2011, p. 32-33)

BRANDÃO, Luis Alberto; MARQUEZ, Renata. “Certa Geografia”. In: HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). **Conversações: de artes e de ciências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 151-168. (Humanitas)

GROSFUGUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In: **Eurozine**, p. 1-24. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/2008-07-04-grosfuguel-pt.html> - acessado em: 08 de outubro de 2014.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo**. 1ª ed.. Buenos Aires: Del Signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. “PRIMERA PARTE: Lo nuevo y lo decolonial”. In: GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. **Estéticas y opción decolonial**/Pedro Pablo Gómez, Walter Mignolo. -- Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012, p. 20-47.

_____. “Desobediencia Epistémica (II), Pensamiento Independiente y Libertad Decolonial”. In: **Otros logos: Revista de Estudios Críticos**. Centro de Estudios y Actualización en Pensamiento Político, Decolonialidad e Interculturalidad. Universidad Nacional del Comahue. Año I. Nro. 1, 2010, p. 8-42. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf> - acessado em: 25 de julho de 2013.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes)

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; RIBEIRO, Guilherme. “Partilhando versões sobre ciência e política”. In: HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). **Conversações: de artes e de ciências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 197-216. (Humanitas)

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (Humanitas).

222

Artigo Recebido em: 26 de setembro de 2016.

Artigo Aprovado em: 05 de novembro de 2016.